

Os astros do horário do TRE

O que a TV significa para candidatos que vêm-se destacando e tendo suas aparições comentadas pelos eleitores? Será este veículo determinante na eleição dos primeiros parlamentares brasileiros? Só as urnas dirão. Porém, é preciso lembrar que uma boa aparição na TV, junto a um eleitorado de mais de 50% de indecisos pode ter peso dos mais relevantes.

Quem, entre os 252 candidatos ao Senado e à Câmara, está sabendo se relacionar com o veículo, tirar dele precisos votos? Quem tem bom potencial e não sabe explorá-lo? Quem, com a ajuda de equipes experientes, está rendendo até mais que o esperado? A julgar pelos seis programas exibidos nos dias 13, 14 e 15 últimos, os candidatos brasileiros ainda têm muito a aprender, pois aguentar os 60 minutos de duração de cada programa tem sido difícil.



Francisco Brandes, candidato a deputado pelo PFL. A aparição de Brandes na TV que mais surtiu efeito aconteceu na noite do dia 15, quando usou o Centro de Tradições Populares de Sobradinho como cenário. A seu lado, uma figura tradicional naquela cidade satélite: Teodoro Freire, flamenguista fanático (tem um filho que se chama Tauá Flamengo) e diretor do Bumba-Meu-Boi. Vestindo uma camisa do candidato Osório Adriano, Teodoro deu apoio à dupla Adriano Brandes. Para enriquecer o vídeo e quebrar a monotonia do horário eleitoral, foram mostradas boas imagens do Bumba-Meu-Boi, manifestação folclórica que chegou a Brasília por empenho do poeta Ferreira Gullar e do escritor e então reitor da UnB, Darcy Ribeiro. Hoje, o simpático do PCB, Gullar, e o pedetista Darcy, decerto se assustariam com os candidatos apoiados por Teodoro.



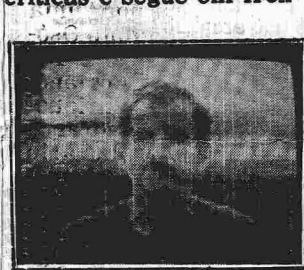
Lindberg, candidato ao Senado pelo PMDB. A televisão tem sido um veículo fundamental ao presidente da Associação Comercial do DF. Auxiliado por um jingle forte, o melhor da campanha, até agora, Lindberg conseguiu entrar no dia-a-dia, inclusive das crianças, que repetem: "Um, cinco, três/Lindberg no Senado/E pra ganhar/Um, cinco, três/Em Lindberg eu vou votar". Para completar suas aparições, o candidato aborda temas de interesse determinado de certas faixas do eleitorado. Esquece que é patrão (dono da Planalto Automóveis) e promete a semana inglesa para os comerciários; fala do transporte coletivo, que precisa melhorar; defende eleições diretas para governador do DF. Nem sempre consegue, falando, a eficiência de seu jingle. Mas como tem imagem forte e jeito bonachão, ele acaba transformando a TV em sua mais forte aliada.



Augusto Carvalho, candidato a deputado pelo PCB. A televisão tem sido importante para marcar a imagem de Augusto, líder bancário e sindical. Enquanto seu companheiro de partido, o economista Carlos Alberto, tenta desmistificar os estigmas que se arraigaram à história dos partidos comunistas (re-

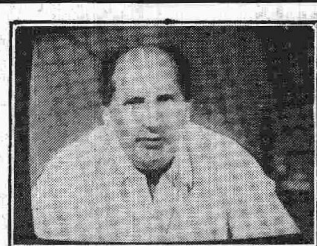
leira, etc.), Augusto cultiva suas bases sindicais e enriquece suas aparições com temas que estão na ordem do dia: espaço para a mulher e punição para o racismo. Aliás, Augusto conquistou bons votos no programa onde apareceu cercado de recortes de jornais denunciando a violência contra a mulher, enquanto conversava com uma líder feminista sobre a urgência de se implantar a Delegacia da Mulher no DF. Ambos estavam postados no terreno onde a delegacia deverá ser construída. Noutro dia, na Torre de TV, tendo um grupo de capoeiristas dançando ao fundo, Augusto denunciou a discriminação racial. Para completar o quadro, a ajuda (proibida pelo TRE) de um artista negro famoso: Martinho da Vila, ao lado de sua mulher Ruça, deu seu apoio ao PCB. Augusto só tem uma dificuldade com o veículo: é carrancudo. Fala com seriedade excessiva para um candidato que mal entrou na casa dos 30 anos.

Osório Adriano, candidato a senador pelo PFL. Um vídeo-clip abre as participações de Adriano no vídeo. Na condição de presidente do PFL-DF, ele desfruta de espaço generoso e de produção esmerada. Seu clip é embalado pela voz de Ney Matogrosso, que fala de um mundo melhor, e ilustrado com imagens de boa qualidade técnica. Alto, porte atlético, Adriano chega ao requinte de impor sua figura tendo como contraponto a silhueta do Congresso Nacional. Embora seja uma das figuras mais lembradas pelos peemedebistas e pedetistas que questionam seu poder econômico (é dono da Taguauto e da Brasil), ele ignora as críticas e segue em fren-



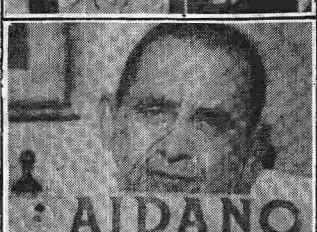
Paulo Cassis, candidato ao Senado pelo PC do B. Nos meios intelectuais, quando se discute o horário do TRE, Cassis é lembrado como "o abnegado". Afinal, ele faz jus ao minuto na TV para falar de sua candidatura. Só que, dele, não fala nunca. Fala, isto sim, dos quatro candidatos apoiados pelo PC do B: Pompeu, Maerle e Lindberg, para o Senado, e Tolentino, para a Câmara. No mais, aproveita o tempo para, sempre com imagens dinâmicas, gravadas ao vivo ou buscadas na memória histórica do País, comparar os militantes do PC do B aos responsáveis pelas ditaduras de 1937 e 1964. Ele, então, diz que "os comunistas nunca fecharam partidos políticos, não prenderam e torturaram ninguém, nunca requentaram listas de crimes de corrupção econômica, etc". Cassis começou tenso, mas hoje, tal o exercício no vídeo, fala com desenvoltura, sempre de improviso, sobre qualquer tema ligado ao programa do PC do B. Sem nunca descuidar-se da riqueza visual exigida pelo veículo.

Meira Filho, candidato ao Senado pelo PMDB. Já está um candidato que começou bem-colocado nas pesquisas, mas depois despençou. Radialista experiente, Meira não teve esquema para boa aparição na TV. Aliás, suas aparições marcam-se pela repetição, já que na maioria dos programas, alterna dois assuntos: a qualidade (ou a falta) da rede de saúde do DF e a qualidade do sistema de transportes urbanos da cidade. Lê um texto formal, faz promessas contidas. Arrisca-se a prometer um metrô de superfície. Lembra ao eleitor que é o dono do "Programa do Meira", já que aparece num estúdio de rádio. A repetição — causada certamente pela falta de recursos materiais para gravações em externas — acaba cansando o espectador-eleitor, que anda irritado com a falta de novidade do horário do TRE.



Corrêa, candidato ao Senado pelo PDT. Maurício aparece, como presidente do PDT-DF, todos os dias na TV. Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção DF, orador experimentado, ele se relaciona bem com o veículo. Fala sempre de improviso, como se conversasse com o eleitor. Como bom brizolista, faz questão de lembrar ao telespectador que é de oposição ao Governo do Distrito Federal.

Maurício, porém, não faz acusações virulentas. Estas ficam a cargo de dois de seus aliados: o advogado Pedro Calmon (um estabonado que, contrariando o Partido, defendeu a pena de morte, no programa do dia 13) e o ator Benê 70, do PJ, a juventude brizolista.



Alguns candidatos têm apenas alguns segundos diários e nem dá para dar um recado ou expor plataformas



Outros partidos têm muito tempo para preencher e falta para os seus candidatos assuntos e idéias



Lauro Campos, candidato ao Senado pelo PT. Único do Partido dos Trabalhadores a aparecer nas pesquisas eleitorais, Lauro é dono de um discurso crítico e forte. Denuncia a compra de votos, o poder econômico de alguns candidatos, questiona o Plano Cruzado. Como professor da UnB, dividiu, no dia do professor o espaço com Luís Rossi, candidato a deputado, com boas cenas externas e troca de idéias com um professor e uma cantineira de escola pública. Padece por falta de tempo, já que o Partido só dispõe de um minuto, o que é dividido entre os três candidatos ao Senado e os vários candidatos à Câmara. Há, dentro do próprio PT, quem critique a direção local do Partido, que parece ignorar as chances do candidato, tratando-o no mesmo pé de igualdade de candidatos que não têm chance nenhuma. Embora tenha o que dizer — é um dos economistas mais respeitados do país — Lauro apresenta um problema no vídeo: é carrancudo, nunca sorri. Isto faz com que ele, que tem apenas 57 anos, acabe apresentando mais idade do que realmente tem.